

com a "revitalização urbana e a valorização do patrimônio histórico da região" e o "fomento do desenvolvimento econômico-social do centro".

O Estudio Vertical é uma disciplina da Graduação da Escola da Cidade que propõe um exercício complexo aos alunos dos mais variados anos ao provocar a reflexão de forma prospectiva nas contradições reais presentes no território. Para tanto, o campo, os diálogos com atores locais mobilizados diante das tensões presentes, e a atividade de pesquisa e método de proposição foram as principais matérias e resultados desse exercício. Foi organizado pelos docentes um conjunto de aulas expositivas e palestras, e um acompanhamento e debate semanal mediado pelos professores e professoras ao longo das orientações como parte do processo de aprendizagem. Os grupos são formados por estudantes de diferentes semestres do curso e orientados por um professor. Neste relato de pesquisa a coordenação nos traz como exemplo algumas das muitas equipes que trabalharam sobre o bairro dos Campos Elíseos no primeiro semestre de 2025.

ARTIGO

A escrita da cidade: metodologias, apropriações e traduções do urbano

Tamara Crespín

Orientação: Profa. Ms. Joana Barossi

Pesquisa: Pesquisa Experimental, bolsa do Programa de Iniciação da Escola da Cidade, Escola da Cidade, 2021-2022.

A função copiar e colar é, sem dúvidas, o comando mais popular dos computadores atuais, e se destaca por representar a viabilidade de um novo dinamismo para a cultura de massas, possibilitando apropriação e resignificação de materiais diversos já produzidos. O escritor espanhol Enrique Vila-Matas nos lembra que "o artista contemporâneo deve ser radicalmente não original" (Vila-Matas, 2018). Ou seja, a pesquisa da qual trata este artigo parte da tensão que os métodos apropriativos ganham na atualidade, entendendo que o mundo está atolado de tanto passado, e que a construção das narrativas necessita se reciclar, apropriando-se desse material já produzido, para então resignificar a

realidade, desestabilizando-a e a modificando por meio da ficção. As metodologias dessa pesquisa se sustentam por meio de dois caminhos simultâneos para tensionar e colocar em prática essa produção contemporânea. Um deles é buscar na literatura, e nas artes, metodologias e experiências de narrar que colaborem com os modos de ver a cidade e que tenham a lógica de apropriação subjacente ao seu processo. O outro, aplicar essas tentativas de leitura da cidade, bem como suas traduções de experiências urbanas, em experimentos práticos, em constante jogo entre os conceitos de apropriação e tradução. Por fim, essa é uma inquietação incansável de ler a cidade de São Paulo, não de novas, mas de diferentes formas.

Palavras-chave: : apropriação; literatura contemporânea; escrita experimental.

Writing the City: Methodologies, Appropriations, and Translations of the Urban

The copy-and-paste function is undoubtedly the most popular command in contemporary computing and stands out for representing the feasibility of a new form of dynamism within mass culture, enabling the appropriation and re-signification of diverse materials that have already been produced. The Spanish writer Enrique Vila-Matas reminds us that "the contemporary artist must be radically non-original" (Vila-Matas, 2018). In this sense, the research discussed in this article departs from the tension that appropriative methods acquire in the present moment, understanding that the world is saturated with its own past and that the construction of narratives must be recycled. Such narratives appropriate previously produced materials in order to re-signify reality, destabilizing and transforming it through fiction. The methodologies of this research are sustained through two simultaneous paths that both challenge and put into practice this contemporary mode of production. One path consists of seeking, in literature and the arts, narrative methodologies and experiences that contribute to ways of seeing the city and that have a logic of appropriation underlying their processes. The other path involves applying these attempts at reading the city, as well as their translations of urban experiences, in practical experiments, in a constant interplay between the concepts of appropriation and translation. This research is driven by an ongoing and restless desire to read the city of São Paulo not in new ways, but in different ones.

Keywords: appropriation; contemporary literature; experimental writing.

La escritura de la ciudad: metodologías, apropiaciones y traducciones de lo urbano

La función de copiar y pegar es, sin duda, el comando más popular de las computadoras contemporáneas y se destaca por representar la viabilidad de un nuevo dinamismo para la cultura de masas, al posibilitar la apropiación y resignificación de diversos materiales ya producidos. El escritor español Enrique Vila-Matas nos recuerda que "el artista contemporáneo debe ser radicalmente no original" (Vila-Matas, 2018). En este sentido, la investigación abordada en este artículo parte de la tensión que adquieren los métodos apropiativos en la actualidad, entendiendo que el mundo está saturado de su propio pasado y que la construcción de las narrativas necesita reciclarse, apropiándose de ese material ya producido para, entonces, resignificar la realidad, desestabilizándola y transformándola a través de la ficción. Las metodologías de esta investigación se sostienen a través de dos caminos simultáneos que tensionan y ponen en práctica esta forma contemporánea de producción. Uno de ellos consiste en buscar, en la literatura y en las artes, metodologías y experiencias narrativas que colaboren con los modos de ver la ciudad y que tengan una lógica de apropiación subyacente a sus procesos. El otro camino consiste en aplicar estas tentativas de lectura de la ciudad, así como sus traducciones de las experiencias urbanas, en experimentos prácticos, en un juego constante entre los conceptos de apropiación y traducción. Se trata de una inquietud incansable por leer la ciudad de São Paulo no de maneras nuevas, sino de maneras diferentes.

Palabras-clave: apropiación; literatura contemporánea; escritura experimental.

1. APROPRIAÇÃO NO MUNDO DA ARTE

A invenção da máquina fotográfica foi crucial para o desencadeamento de relevantes mudanças dos paradigmas nas representações do mundo, e na concepção do que entendemos hoje como arte ocidental. Com ela, a arte passa, então, a ser libertada de uma função de representação do "real", para assim se expandir a outras representações, elaborando novos questionamentos sobre a percepção visual e sensitiva de um indivíduo moderno que também está em transformação.

As colagens "Natureza Morta com Cadeira de Palha" e "Fruteira e Copo", ambas de 1912, dos artistas Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Braque (1882-1963), respectivamente, são, por exemplo, símbolos que marcam a abertura das artes para o uso de mídias mistas e fazem com que "essa técnica se caracterize como marco de ruptura de toda uma lógica artística europeia e se destaca com passo fundamental dentro da história da arte" (Iwass, 2010, p.37).

As transformações sociais, culturais e econômicas na Europa, na primeira metade do século xx, junto ao desencadeamento das vertentes do pensamento atentas a esse indivíduo urbano e moderno em transformação, tais como a psicanálise, a fenomenologia e a linguística, possibilitaram novas concepções de narrativas. Deste modo, as transações do sentido da representação, da realidade e da criação fez com que os movimentos artísticos de vanguarda tivessem papel central no surgimento de novas noções de originalidade e replicação.

Ainda no início do século xx, a proliferação da implantação das telecomunicações, bem como o desenvolvimento da indústria gráfica, impulsionou transformações na paisagem urbana das cidades europeias, em uma espécie de colagem de mídias mistas, que influenciaram o modo de compreender e apreender cidade, sociedade e suas relações.

A justaposição e a sobreposição de camadas de informações acabaram por criar uma cidade gráfica, ilustrada com propagandas e divulgações tanto de mensagens políticas, quanto de consumo. A cidade, em suas transformações, passa finalmente a ser entendida como um

objeto passível de trabalho, "fazendo com que a escrita, cuja existência tinha como principal suporte o livro, passasse a ser arrastada para ocupar o espaço da rua pela publicidade" (Barossi, 2019, p.1129). Neste cenário, o poeta Stéphane Mallarmé (1842-1898) identifica uma espécie de crise no campo da literatura tradicional, e seus trabalhos acabam por incorporar elementos gráficos presentes nas publicidades nas ruas. Na maioria de suas experimentações há um certo esforço em esgotar as formas poéticas tradicionais. A cidade se transforma em estopim, destinada a repensar o mundo da literatura.

O uso das mídias mistas, tanto para a composição de colagens quanto da apropriação para a construção de narrativas, reitera que contexto é conteúdo. Essa noção é intensificada nos *ready-mades* de Marcel Duchamp (1887-1968) já que, em um gesto apropriativo de objetos produzidos em série, e transpostos para um espaço artístico, Duchamp "[...] não somente critica as 'regras do jogo', mas também as explícita, jogando com elas" (ARRUDA, 1996, p.4). O artista apresenta, em suas produções, objetos retirados do mundo "real", que desempenham um novo papel de obra de arte. Este ato é realizado por meio da adição de um único material artístico tradicional, a assinatura, ao qual também serve de defronte ao conceito de arte, este que intitula uma pessoa, um gênio, como criador. Dessa maneira, há subversão de suas funcionalidades. Duchamp indaga o espaço de criação e deixa claro a existência de uma via de mão dupla, entre o ato criador e o observador da obra.

A produção de Duchamp se insere como objeto de estudo fundamental para tensionar o conceito de "gênio não original"; desenvolvido pela crítica de arte e literatura Marjorie Perloff. Essa técnica possibilita que a expressão artística conceitual seja formada não a partir de novas proposições e inventividades, mas por meio de novos procedimentos, em que há, novamente, a noção de contexto assumindo um novo papel de conteúdo. Nessa lógica, o artista conceitual americano Douglas Huebler (1924-1997) escreve: "[...] *the world is full of objects, more or less interesting; I do not wish to add any more. I prefer simply to state the existence of things in terms of time and/or place*" (1970).²

2. REAPROPRIAÇÃO NO MUNDO DA LITERATURA

Segundo Walter Benjamin (1955, p.7): "A arte contemporânea será tanto mais eficaz quanto mais se orientar em função da reprodutibilidade e, portanto, quanto menos colocar em seu centro a obra original". Como observado, ações de organizar, escolher e enquadrar se destacam nessas produções como processos centrais do desenvolvimento das obras que trabalham com o conceito de apropriação. Esse processo de *détournement* (deslocamento e desvio) passa, dessa maneira, a ser mais aceito dentro do campo da produção das artes plásticas. Segundo o escritor americano William Burroughs (1914-1997) e o pintor britânico Brion Gysin (1916-1986) (apud Villa-Forte, 2015, p.8), "a escrita está cinquenta anos atrás da pintura", já que essa mesma ação, ou metodologia, ainda é tema de discussões e questionamentos no mundo da literatura.

O campo da literatura ainda separa e segrega nitidamente os conceitos de citação e apropriação. A citação, nesse caso, está mais vinculada a uma certa aura da produção literária. Dessa forma, para compreender os textos que fazem uso dos recursos de (re)apropriação, como é o caso do poeta norte-americano Kenneth Goldsmith, deve-se compreender que a citação não vem para ilustrar uma ideia, ela em si é a própria ideia. Ou seja, diante de uma crítica ainda tradicional, os textos de Goldsmith não são, muitas vezes, considerados literatura. É importante, para essa pesquisa, analisar as produções contemporâneas que fazem uso de diferentes formas de apropriação, em que há um entendimento similar ao da montagem, da colagem etc. Ou seja, ao longo dos experimentos e confrontos feitos com a cidade, diversas foram as vezes em que houve tentativas de abordar as noções de recorte, de edição e de montagem, processos usuais e relevantes para o papel do editor e do escritor.

A "escrita não criativa³ não trata de escrever, mas de compor uma escrita" (Villa-Forte, 2017, p.64), cuja produção se dá na seleção e recorte de fragmentos que desempenham novos papéis dentro da produção do texto. O processo de reciclagem de escrita, ou seja, dessa constante apropriação, acaba matando o "pai do

discurso" e a sua linearidade, "fazendo com que tais obras literárias se baseiem em uma leitura serpenteada" (Villa-Forte, 2015, p.15). Dessa forma, o autor do texto supera a sua função de mostrar o originário e passa a cumprir o papel de manter-se presente no discurso, por meio de suas adições e subtrações.

O mesmo acontece no conceito *sampler*, desenvolvido por Frederico Coelho e Mauro Gaspar (2005), caracterizado pela retirada de fragmentos de uma fonte literária para, então, deslocá-la, posicionando-a em outros contextos, e que possui uma função relevante para esse trabalho. "A escrita *sampler* como uma forma de 'dobrar' a matéria, a referência, o sujeito que existe e cria uma nova/outra/diferente subjetivação do texto/música/matéria" (Coelho; Gaspar, 2005, p.3). Pois o processo não parte somente do objeto deslocado por si só, mas também do próprio olhar do artista perante a sua obra. Kenneth Goldsmith (2011, p.62), em seu olhar crítico, diz:

Eu fiquei atordoado. [...] De repente, fez sentido: como na famosa declaração de Kooning: "A história não me influencia. Eu que influencio a história." Demorou até a vinda da *web* para vermos o quanto a poética concretista foi pré-ciente em prever sua própria e calorosa recepção meio século depois.

O poder da escrita *sampler*, no fim das contas, é a possibilidade de alargamento de espaços, de afetar, permitindo que a sua própria literatura seja afetada. Dessa maneira, o trabalho do autor, bem como do artista dadaísta, se assemelha ao: 1) montador; 2) deslocador; e 3) manipulador; já que "no limite entre invenção e impostura, a escrita de Kenneth Goldsmith quer repetir no universo do texto o que Marcel Duchamp fez no mundo das artes" (Villa-Forte, 2016). Nessa lógica, o autor-montador produz um objeto de escrita, porém não um objeto cujo conteúdo foi escrito por ele.

3. O ARQUIVO COMO FERRAMENTA DE TRABALHO

"Achei conveniente lembrar que o artista de hoje deve ser radicalmente não original", disse o escritor espanhol Enrique Vila-

Matas⁴, em entrevista à Folha de São Paulo (2018), sobre o trabalho do artista/escritor. Em sua escrita, apresentada como autoficção, o autor oscila e mistura construções autobiográficas a uma narrativa ficcional, inventada-criada. Para Vila-Matas (2011), “uma forma de manter a literatura viva é colocá-la sempre em questão”. Seus procedimentos de escrita não-criativa mesclam personagens históricos, famosos e desconhecidos a um narrador que é autor e, ao mesmo tempo, personagem.⁵ Neste ato há a incorporação de trechos apropriados de clássicos da literatura, questionando seu principal aspecto e aura: a noção de origem, que se perde em meio à história contada.

Essa suposta relação entre a ação ficcional e a autobiografia, dois gêneros literários praticamente opostos, é posta em jogo em alguns procedimentos trabalhados ao longo dessa pesquisa. Este é o caso, por exemplo, do experimento “Tudo que li em um dia”.⁶ Além do procedimento se parecer com o usado por Walter Benjamin em seu livro “Rua de mão única”, a proposta parte da coleta de tudo aquilo que é lido em um único dia na cidade de São Paulo,⁷ uma junção obsessiva que tem por intuito a criação de uma grande narrativa, que busca quebrar com a linearidade e a aura literária, acarretando uma certa intimidade entre os supostos autores e leitores. “O leitor-autor não existe (mais) [...] os lugares se alteraram: todos são produtores e receptores”, nos lembra Villa-Forte (2019, p.93). Percebe-se uma quebra na hierarquização entre os lados passivos e ativos na composição do texto. O mesmo acontece em “A morte do autor” (2004, p.57) de Roland Barthes, em que o “*scriptor*” moderno nasce ao mesmo tempo que o seu texto é realizado, no momento do presente, em performance. Neste caso, o autor nunca é ninguém a mais que aquela mesma pessoa que escreve, e o *scriptor* nasce à medida que o texto é lido, em conjunto com o leitor, quebrando vínculos de antecedência que se tinha em relação ao autor, já que “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor” (Barthes, 2004, p.64). Essa ideia parte do entendimento que o autor não é apenas receptor das obras que ele cria. Dessa maneira, a obra é construída por aquilo que ele mesmo consome, e o que vem à tona é um jogo em que há a construção

de um sentido pessoal em meio a um conglomerado de fontes.

Além de Vila-Matas, diversos outros escritores já se debruçaram sobre o texto a partir de um olhar para o aspecto material da linguagem, que pode ser manipulada e reciclada. Sobre esse aspecto é importante ressaltar o trabalho do grupo francês OuLiPo (Ouvroir de Littérature Potentielle),⁸ criado em 1960, que utiliza técnicas matemáticas e da lógica para a discussão de seus trabalhos de escrita. Para eles, a liberdade da escrita se daria a partir da restrição. O olhar racional diante da produção literária, e de seus processos de elaboração, dá outro sentido à ideia de criação, originalidade e genialidade, e se apresenta como contraponto à escrita de inspiração. Afinal, artistas “insiram seu trabalho no de outros”, como menciona Bourriaud (2009, p. 111).

Ou seja, os conceitos de apropriação e tradução, além de questionarem a originalidade das obras, permitem a compressão do texto como objeto moldável, apto a ser trabalhado. Isso é observado nos procedimentos utilizados pelo escritor Kenneth Goldsmith, pela artista contemporânea Nina Katchadourian e pela escritora e advogada Vanessa Place. Peguemos, como exemplo, o trabalho *Seven American Death and Disasters* (Sete Mortes e Desastres Americanos), de Goldsmith. A obra, uma clara homenagem às pinturas *Death and Disasters* de Andy Warhol, se caracteriza por sua organização temática em torno de icônicos desastres que abalaram a vida e a cultura norte-americana.⁹ Goldsmith trabalha a obra de forma que, ao escolher os desastres a serem mencionados, recorta o meio no qual foram veiculadas as notícias (rádio, televisão), transpondo o material para uma mídia impressa, uma publicação. Dessa forma, o artista literalmente transcreve tudo aquilo que foi falado no exato momento que a notícia foi transmitida, passando-a para o papel, em um processo de tradução intersemiótica. Tal processo não se manifesta pela criação do objeto em si – nesse caso, das palavras que foram transmitidas naquele momento – mas sim da reposição dessas mesmas mensagens, apresentando-as de uma forma inédita, criando, sobretudo, um espelhamento da situação ali presente. Ou seja, ao dar

carro o fim do homem soviético alarme 7 horas e 18 minutos ignorar adiar 7 horas e 47 minutos ignorar adiar colgate lilla se precisar de algo do portfólio me avisa podemos conversar antes ou depois do ev amanhã se quiser claro ai oba eu quero amanhã depois do ev e antes da eletiva é ótimo pra mim obrigada amiga legal oo amiga fiquei olhando o calendário hoje vamos viajar no feriado do dia 12 de outubro meio longe mas é uma terça e podemos ir na quinta precisamos de orçamentos e ver se as meninas não vão viajar nessa data iii verdade esqueci disso vamos ver com o pessoal encontrei esse texto adicionado no drive uh legal achei um que parece legal pelo que eu li vou por lá também beleza tamara tudo bem contigo oi gabriel como você está tudo certo sim e você também bem estou fazendo um trampo de montar um mapa dos rios da vila mariana e vou transformar em stencil super grande com 3m ai importei uma primeira versão mas acho que ainda falta algum detalhe pro design gráfico ficar mais massa posso te mandar a imagem e você diz o que acha claro manda ai não sei se ele vai conseguir kkkk tá difícil o que vc tem feito de bom como anda a vida sem ev maravicherry e a sua com ev maravicherry maravicherry maravicherry maravicherry aa beleza boa sorte eu amo meu computador porque tem todos os meus amigos lá brigadiss tia não gente calma kkkkk eu vou dirigindo no carro da minha mãe foi mal aconteceu muita coisa ontem não consegui acompanhar acho que o melhor esquema é deixar as coisas prontas no domingo à noite e vazare segunda de manhã gente minha chefe acabou de me pedir para acompanhar uma obra na quinta feira tudo bem se formos quinta a tarde eu achei que a gente já ia na quinta a tarde tá tranquilo gente e a questão da comida ata kkkk então é isso eu eu mesma gabriel meistein festa lá no meu apê flavycray marikeiko camila crespin kkk sim ué não pode pode o que vamos dar de presente para a mamãe kkkk hum a gente vai passar o dia em santos pensei em comprar umas flores para o café da manhã okay compra pão de mel boa faz cartão e coloca o meu nome não já sei tá eu vou mandar aqui o que é para você escrever no meu nome e faz um pra você e papai também tô animada com o kibbutz em sua homenagem pedi o maior sorvete que tinha nas opções kkkkk kkkk quase explodi mas passei bem kkk saudades lips você vai lá ainda eles devem estar com saudades da gente estou com saudades eu amo meu computador porque todos os meus amigos estão dentro dele kkk dá para reagir sem ser por sticker está tudo bem sim obrigada estou fazendo coco quais as novidades por enquanto nada de mais vou viajar com as meninas no final de semana para o guarujá na casa da marina keiko amoras amadas tava nessa dúvida tb infelizmente nao vou mais conseguir ir meu gato ta internado e a gente não sabe quando ele vai sair tá meio tenso aproveitem por mim sniff affe carolis queria mt q fosse aii carolis sinto muito mas melhoras para ele nem me fala queria muito também nha tudo bem vai ficar tudo bem vai fazer falta amiga mas tomara que chuckinho fique bem logo ai a gente faz repeteco aahl carol melhoras para ele vai ficar bem logo tirez queijo minas padrão queijo tipo cottage ana luiza ame seu coração essa é para você que não quer ser apenas mais um na multidão leite lialac desnatado extrato de própolis mel menta spray malva composto com mel e extrato de própolis sabor mel e malva arquivo editar ver inserir fornatar ferramentas complementos ajuda água mineral natural sem gás ministério da agricultura brasil o bom da becel linha sueralose 75ml a última edição foi há alguns segundos gostoso como está a facultade você está fazendo pesquisa sim e hoje eu escolhi para ser o dia que vou anotar em um papel tudo que eu ler no dia para ver quantas páginas dá tá difícil de manejar whatsapp happiness is only real when shared wickbold integral café pelé ingredientes leão snowflakes nutritivo cereal saboroso açúcar e cereal integral nova fórmula nestlé selo de garantia 3 coisas que você não sabia sobre o cereal integral o tempo integral remete a todo ou seja todas as partes do grão integral assim com os nutrientes que estão ali são mantidos o grão integral tem três camadas farelo endosperma germén 48g é a quantidade de cereal recomendada para você comer por dia cereais matinais nestlé apresentam no mínimo 8g de cereal integral por porção (30g) você pode encontrar cereal integral por exemplo em 2 fatias de pão integral 30g de snowflakes 1 prato de macarrão integral 1 escumadeira de arroz integral 3 colheres de sopa de aveia você sabia os cereais matinais nestlé possui cereal integral como ingrediente número 1 o café da manhã fica mais gostoso com os cereais da nestlé experimente também nescau cereal cheerios mel digite a sua pesquisa aqui brief case newlink seu onedrive está cheio salvando alterações salvas no drive inserir imagem instagram new york mag e você como anda terça-feira 24 de agosto o princípio de ver histórias primeiro romance do cariooa leonardo villa-forte o autor já tinha lançado em 2014 um livro de contos o explicador o princípio de ver histórias em todo lugar lançado em 2015 pela editora oito e meio traz uma instigante e divertida história acerca do processo de escrita no contexto contemporâneo conhecido por suas investidas na escrita não-criativa villa-forte já apresentado aqui no blog escreve uma narrativa que propõe um desvio sem se esquivar desse projeto apresentando uma reflexão sobre a escrita literária e os impasses vividos por quem quer tornar-se autor hoje o primeiro romance do autor é narrado em primeira pessoa e dividido em 34 capítulos quase todos intitulados pelos seus respectivos números o livro conta a história de um jovem publicitário que após a viagem a trabalho de sua esposa cecilia sente-se solitário e entediado mas é justamente a ausência de sua conjuge que o move a especular sobre o verdadeiro objetivo desta viagem teria cecilia ido à alemanha atrás de seu antigo namorado em meio a especulação inúmeras histórias sobre cecilia surgem e o protagonista decide remediar e a solidão oferecendo durante os meses da ausência de cecilia uma oficina de escrita criativa em sua própria casa o mais irônico nessa proposta é a motivação do narrador que não é um autor profissional mas quer oferecer uma oficina de criação literária por acreditar que é um bom escritor a ideia surge devido à lembrança de quando mais jovem ter frequentado uma oficina de escrita criativa de um famoso escritor embora não tenha se dedicado à carreira autoral e de não ter um livro publicado acredita em seu potencial pelo fato de alguns colegas de sala terem dispensado elogios a seu texto de modo bastante irônico villa-forte parece dizer algo o que define um autor ou um texto literário naquela oficina que fiz com ele eu era o mais jovem do grupo quando os outros alunos falavam de mim usavam expressões como promissor e jovem talento quando lia meus contos achava-os parecido demais com os de outros autores como se meus contos tivessem que ser ainda melhores para que pudesse reconhecê-los como meus esse grau de exigência às vezes até me levava a não assinar os contos como se faltasse algo para que chegasse à altura do meu carimbo à altura da minha marca villa-forte página 37 2015 começa então um jogo autoral que toma mais instigante o livro pois todos os contos criados pelos alunos personagens são inseridos integralmente na narrativa o que demonstra grande habilidade do autor em criar perfis de escrita diferentes na mesma narrativa já que cada personagem tem sua própria voz autoral é divertido ler a reação do narrador que após a leitura dos contos indaga sobre o caráter de cada personagem lendo o texto produzido por thomas personagem que pode ser descrito como um suicida em potencial o narrador se dá conta de como os alunos projetam na escrita uma espécie de fuga da vida os costumes e os valores que recebera de herança não serviam mais às suas motivações num de seus contos ficava clara a opção radical pela fuga precisamente o conto do suicídio o pulo através da janela eu devia ser a janela da casa de seus pais na belgica villa-forte página 175 2015 mas o que chama a atenção no livro é a trama que atravessa a narrativa as maneiras sobre como elaborar um bom conto e quais as técnicas necessárias para atingir algo digno de ser tratado como literário o narrador protagonista que já podemos perceber é dono de um enorme ego e não é nem um pouco confiável demonstra certa cretinice ao mostrar que mesmo não se considerando autor vê a si mesmo como um ótimo professor já que estudou os recursos através de uma bibliografia que roubou da oficina que cursou com um final inusitado villa-forte faz uma crítica mordaz ao modo como o processo de criação literária e o próprio conceito de autoria são tratados hoje por meio de seu narrador personagem o princípio de ver histórias em todo lugar questiona com ironia a noção de originalidade e de criatividade ainda tão presentes quando se trata de avaliar a qualidade dos textos literários contemporâneos metronidazol uso oral privacidade e cookies esse site utiliza cookies ao continuar a usar este site você concorda com seu uso para saber mais inclusive sobre como controlar os cookies consulte aqui política de cookies você não sabe por onde começar anúncios eam money diagrama de veen google trend craig dworkin arthur danto sol lewitt joseph kosuth art after philosophy art as an idea as an ideia o princípio de ver histórias em todos os lugares photo of kimberly alidio by stacy szymaszek when we talk about literacy there cannot be one without concessions simone white read more short statement in five parts on statement of facts a review of vanessa place’s statement of facts steve zultanski tragofia vanessa place stament of facts vanessa place blanc press 2010 430 pages R\$ 45 in hardbound \$25 in paperback isbn 9781934254189 contexto vanessa place compôs a declaração de fatos por meio do ato enganosamente simples de reproduzir alguns de seus resumos de apelação e representá-los como poesia porque ela é uma advogada que representa criminosos sexuais o livro é basicamente uma reformulação das narrativas das vítimas usadas como evidência em casos de crimes sexuais e é como você pode esperar uma leitura perturbadora o livro já gerou fortes reações e essas reações ditaram o conteúdo da maioria das interpretações mais publicamente na conferência rethinking poetics de 2010 marjorie perloff fez o público suspirar coletivamente quando afirmou que o que a declaração dos fatos nos revela é que as vítimas de estupro são pelo menos tão ruins ou piores que os estupradores uma controvérsia na internet surgiu sobre a sensibilidade e precisão de sua leitura e perloff respondeu afirmando que ela é claro não queria dizer que as vítimas de estupro eram ruins mas que as condições socioeconômicas que permitem o estupro são ruins tal resposta apenas enfureceu ainda mais todos os que já estavam furiosos porque implica erroneamente que o estupro é um problema da classe baixa portanto a partir desse comentário surgiu uma breve controvérsia na internet que ocorreu principalmente nas caixas de comentários dos blogs de steven fama e stephanie young respectivamente e no facebook em relação à política e à ética da declaração de fatos você mesmo pode pesquisar no google mas concluiu com algumas pessoas pedindo a place que explicasse publicamente a intenção de seu trabalho a fim de esclarecer quaisquer dilemas éticos que possam ter surgido para os leitores a place é claro recusou-se a fazê-lo o que permitiu parcialmente a retenção do livro de seu apelo provocativo inicial agora em 2012 as opiniões ainda estão nitidamente divididas e o ponto focal da conversa quando ela surge continua sendo o comentário de perloff por causa disso gostaria de ler a declaração de fatos em termos de sua recepção e tentar uma conclusão que não está de acordo com o que considero o relativismo de perloff o moralismo dos opositores ou o realismo de place a posição relativista agora vamos apenas dizer o que todos nós sabemos perloff é uma crítica conservadora e sua declaração testemunha esse conservadorismo na medida em que sugere um mundo em que as posições de opressor e oprimido são intercambiáveis ao dizer que as vítimas são tão mais quanto os estupradores ela recria uma certa forma argumentativa que pretende fazer a violência opressiva parecer natural por exemplo israel pode ter usado uma força desproporcional mas eles estavam respondendo ao terrorismo ou a reação da polícia pode ter sido excessiva mas o black bloc os levou à violência esses tipos de coisas são sempre justificáveis em termos de circunstâncias contextuais bastante abstrata condições socioeconômicas uma guerra longa e complicada etc o que é comum a esta forma de argumento é que a posição de opressor e oprimido é trocável devido a um suposta mutualidade de culpa é claro que não estou sugerindo que per

FIG. 1:

Tudo que li em um dia, 24 de agosto de 2021. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

tridimensionalidade para algo que não existe materialmente, ao fazê-lo durar no tempo, sublevado do lugar de “notícia” ao lugar de literatura, que proporção isso ganha? Que noções entre ficção e realidade são ultrapassadas, aglutinadas ou repensadas?

[...] This is a CBS News special report. I'm Dan Raviv. We are receiving word from Los Angeles that the pop superstar Michael Jackson has been rushed to a hospital. [...] Let's go to the CBS newsroom in Los Angeles. Correspondent Steve Futterman, what are you learning?º (Goldsmith, 2013, p.157)

Já o segundo caso, o projeto Sorted Books (2013), da artista Nina Katchadourian, não possui o mesmo processo de tradução entre o material originário e o resultado final da obra, como há nos trabalhos de Goldsmith. A obra consiste em criar algo novo por meio desse mesmo material já existente, ou seja, a partir do próprio suporte do livro e seu título. Em sua metodologia, a artista cria minicontos por meio dos títulos de livros empilhados, resultando em especulações sobre os possíveis proprietários dessas coleções e atrelando novos significados às bibliotecas que se propõe a mapear.

No terceiro caso, a advogada criminalista Vanessa Place, no livro *Statement of Facts* (2010), se apropria de registros escritos dos processos jurídicos de casos de assédio sexual no Estados Unidos, colocando em xeque a facticidade e a realidade dos relatos das vítimas. Como nos lembra Goldsmith (2011), há necessidade de novos modelos de escrita que utilizem textos diferentes. De forma ousada, e muita criticada pelo público, Place causa desconforto ao questionar a noção de verdade jurídica e de factualidade, colocando os relatos no espaço da ficção. A partir de uma forma específica do texto, ou seja, ao colocar falas e relatos de abusos em formato de poesia, sua função passa a ser questionada; isso porque toda poesia é ficcional – em uma noção de forma e conteúdo. Place questiona, sobretudo, a relação entre trauma, lei e verdade, ou seja, o que é realmente o evento traumático e o relato do próprio evento traumático. Há, nesse caso, um processo de simbolização, já que eventos traumáticos são reais, mas isso

não quer dizer que sejam, necessariamente, relatados em termos de exatidão factual.

Essa mesma lógica é utilizada ao longo desta pesquisa nos processos de apropriação e tradução do *reality-show* policial “Operação de Risco”.¹¹ Sua proposta parte da ideia de que, ao se apropriar e traduzir uma mídia televisiva e sensacionalista, ou seja, que pressupõe um discurso de mostrar toda a verdade – tal como tratado no programa a partir de falas do apresentador, tais quais: “não é ficção, é realidade” –, o próprio conceito de realidade deve ser reajustado ao transitar de mídia.

A proposta de mostrar essa ultrarrealidade é quebrada pelo simples fato de ela própria buscar ser verdade. Ou seja, há um certo desequilíbrio entre o evento traumático e sua narrativa operando no programa. O mesmo acontece no procedimento de deslocamento textual de Place. Além disso, os textos de autores que se utilizam das metodologias apropriativas não foram feitos para serem lidos, mas apenas para confirmar que o autor foi realmente fiel à sua obra, em uma tentativa de compreender como este encanto pela restrição faz com que o locutor se mantenha persistente ao longo de todo o processo discursivo.

O texto “Operação de Risco”, além de propor uma leitura, possibilita também a compreensão da fidelidade de escrita, sem o acréscimo de nenhuma outra palavra às falas expressas pelo noticiário. Essa apropriação se caracteriza, sobretudo, como confrontação da realidade existente, consolidada por meio de uma narrativa de cidade específica, nesse caso, o retrato da própria cidade de São Paulo. O gênero sensacionalista, por si só, é um produto da cultura de massa, da indústria cultural e da sociedade do espetáculo – essa como uma renovação contínua para se ajustar às lógicas mercantis.

Dessa maneira, as quatro obras apresentadas fazem jus à metodologia do *ready-made* duchampiano na literatura contemporânea. As produções dos artistas citados, bem como a produção do experimento proposto nesta pesquisa, não se formalizam apenas como conteúdo, mas também a partir da forma, criando um novo conteúdo. Pois “a obra de arte contemporânea não necessita de esmero técnico, mas de potência intelectual,

Operação de Risco

21 de maio de 2022

Aconteceu uma ocorrência, um arrastão na Ponte Pinheiros. Ali em direção ao centro.

Eu estou falando com a sua mãe.

Então, olha para baixo. Educação e respeito.

Para, para, para.

Deita, deita, deita.

Deita todo mundo.

Deita! Deita! Deita!

Com uma arma na mão, meu.

Ninguém fala que é menor de idade.

Deita aí. Deita. Deita!

Deita, deita!

[sons de tiros] Chegou a hora de concorrer a 3 mil reais, da forma mais enigmática da televisão brasileira. São duas dicas e quatro chances para você ganhar 3 mil reais na hora. Diretamente do conforto da sua casa e com a facilidade do seu celular. Esse dinheiro pode ser seu agora. Preste atenção, pois você assinante do *Redetv plus*, através do QR Code, pode tentar adivinhar o enigma de risco do dia. E a primeira dica, valendo 3 mil reais na sua mão é: tem rodas. Já sabe o que é? Você tem duas chances de acertar esse mistério, premiado a partir de agora. Capture o QR Code já. Por que esses 3 mil reais podem ser seus, até o final do programa.

Fique ligado.

Boa noite. Estamos no ar com mais um **Operação de Risco** inédito e mais uma vez estou recebendo Leandro Basson, que vai falar de uma prisão que ele realizou de um procurado da Justiça. Acredite se quiser. Procurado da Justiça, menor de idade.

DL: Basson, seja muito bem-vindo ao nosso programa.

BASSON: Eu que agradeço a oportunidade de participar do programa **Operação de Risco**, que é o que mostra a realidade do policial nas ruas. E é sempre um prazer estar com o Dr. Lordello, o nosso doutor de segurança. Muito obrigado!

DL: Obrigado. Aqui não é ficção, todo mundo sabe que é realidade. Basson, eu te chamei aqui para falar de duas situações envolvendo a prisão de menores de idade. A cana que você deu e um caso da PM onde um traficante menor de idade, e com diversas passagens pela Polícia, foi preso novamente. Mas antes, eu queria que você me dissesse o seguinte: qual que é a sensação do policial ao fazer a detenção, a apreensão de um menor de idade, levar para a Delegacia, faz aquela papelada e na maioria das vezes ele é colocado em liberdade.

FIG. 2:

Operação de Risco. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

força de ideia e intensidade de percepção” (Kosuth apud. Villa-Forte, 2016, s.p.). Há uma certa tentativa de aplicação de força, de tensionar os produtos visto e lidos pela cidade, materiais esses já produzidos, a fim de esgotá-los, usá-los novamente, em uma dupla apropriação. Como diria Deleuze (1998, p.15), “[...] a captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso o que faz algo mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução, a-paralela, núprias, sempre ‘fora’ e ‘dentro’”.

4. METODOLOGIAS, APROPRIAÇÕES E TRADUÇÕES DO URBANO

Assim como nos procedimentos de apropriação, apresentados anteriormente, obras nas quais “o retalho se desprende do material anterior e da pressuposta individualidade de cada fragmento” (Coelho; Gaspar, 2005, s.p.), aqui estão alguns outros exemplos de artistas e escritores contemporâneos de destaque nesse campo experimental, bem como as suas possíveis relações, aproximações e conexões com os processos, experimentos e confrontações trabalhados e realizados ao longo dessa pesquisa:

1. Angélica Freitas em “3 poemas com o auxílio do Google” (2012), compilado no livro “meu útero é do tamanho de um punho” (2012), apresenta em seu texto uma metodologia de criação de poemas por meio da lógica algorítmica. Metodologicamente, Freitas escreve pequenos começos de frases em abas de busca da plataforma Google e permite que, o seu histórico de pesquisa, os algoritmos e a própria internet complementem tais frases. Essa técnica se transforma em um discurso claro de como os internautas se comunicam em sociedade no século XXI, sem deixar de lado o machismo estrutural velado em pesquisas como: “a mulher vai”, “a mulher pensa”, “a mulher quer”.

Este mesmo processo é intensificado, nesta pesquisa, ao se realizar a apropriação de mensagens enviadas, recebidas e lidas pelo aplicativo WhatsApp, um dos maiores centralizadores da comunicação na era contemporânea, com quase 2 bilhões de usuários ativos na plataforma, com envio de aproximadamente 65 bilhões de

mensagens diárias. Ou seja, a proposta do procedimento “confessionário”¹², parte do entendimento daquilo que não é compreendido como literatura. “Confessionário” se apropria dessas mensagens a fim de descontextualizá-las, agrupando-as em cinco eixos temáticos, em três complexos temporais: 1) Passado – Lembrei e sonhei; 2) Presente – Confesso, preciso e prefiro; e 3) Futuro – Será?. Dessa maneira, há uma tentativa de desconstrução da autoria, da aglomeração por afeto, da criação de um glossário, bem como retoma Coelho e Gaspar, fazendo com que “a palavra seja coletiva e anônima” (2005, s.p.).

2. O escritor Jonathan Safran Foer, em seu livro-objeto *Tree of Codes* (2010), realiza uma série de cortes e recortes de frases, pontuação e palavras em cima do original *Street of Crocodiles* (1977), do escritor polonês Bruno Schulz (1892-1942). Esse processo se caracteriza como uma tentativa de criar uma nova narrativa dentro da primeira já existente, apresentando uma nova história e uma nova imagem. O procedimento “diário oficial”¹³ se apropria de textos-documentos oficiais de cidade, jogando com eles e contra eles, aplicando métodos de recortes, apagamentos e reescritas, a fim de desvinculá-los de seus espaços costumeiros e, então, trabalhá-los como ficcionais. Neste processo há escolha de frases, pontuação e concordâncias, essas que fazem jus ou não serem retiradas e/ou mantidas dentro da narrativa, a fim de criar um novo conteúdo textual. Ou seja, esses textos-cidade, ao serem reescritos, retrabalhados, ao sofrerem os processos de apagamentos de escrituras, passam a ocupar outras posições e pensamentos dessa mesma cidade, pois “podemos usar as palavras como se fossem nossas, fazê-las dizer o que queremos dizer” (Coelho; Gaspar, 2005, s.p.).

3. A série de experimentos “MixLit” (2012), do escritor Leonardo Villa-Forte, trata de encontrar trechos que “pedem outros”, ou seja, “fragmentos que pedem para ser continuados”. Os trechos retirados de livros são apresentados, colados e justapostos sucumbindo numa fragmentação, resultando em uma inédita relação entre



FIG. 2:

Diário Oficial. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

1.
aaa aaaa aaaa aaaa aaaaaaa
aaaaaaaaa aaaaaaaaaa aaaaaa aaaaaa aaaaaaaaa a
aaaaaaaaa aaa aaa aa aaaaaa
2.
e a polícia baixou lá.
matou?
matou. descarregaram em cima dele.
3.
toda semana eu saio acabada da terapia
eu choro muito
porque é muito difícil lidar comigo, me enfrentar.
4.
esse é o cemitério de todas as coisas
que eu poderia ter sido
estando ao seu lado.
5.
eu fico quatro horas cozinhando.
cozinho cozinho cozinho
cozinhar todos os dias é cansativo.
6.
não dá para viver
de *instagram*.
7.
o dia que o brasil foi
expurgado pela alemanha.
foi pornográfico, mesmo.
8.
é uma forma de arte.
é,
mas eu prefiro fazer do meu jeito.
9.
doutor, você pode me dar um copo de água?
ferrar o estômago
que está vazio.
10.
sociedade amaldiçoada!
11.
é como todo mundo fala:
quero uma filha —
honestamente.

FIG. 3:

Haikai. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

o leitor e a história. Essa técnica de *mash-up* literário fecha e abre possibilidades de narrativas. A ideia de fragmentos que pedem para ser continuados foi, com maior ou menor intensidade, aplicado em procedimentos de experimentação de cidade, e com maior relevância no decorrer do capítulo 'realismo apocalíptico'.¹⁴ Nesse caso, esses fragmentos são falas, relatos e registros dos trabalhadores precarizados pelas plataformas que intensificam a uberização do trabalho. Há urgência de trazer à tona as suas próprias narrativas, bem como seus cotidianos, que servem para que haja um entendimento de suas vivências, suas similaridades e suas angústias. O experimento, além de tudo, é complementado com textos de caráter teórico e analítico das questões contemporâneas e dos impactos da indústria 2.0 e da *gig economy* dentro das lógicas mercantis e trabalhistas, bem como um compilado de relatos e vivências de meu próprio corpo em confronto com a cidade, vivenciando este mesmo sistema uberizado. Entendendo, antes de tudo, que "é possível pensar a escrita *sampler* como uma ação política" (Coelho; Gaspar, 2005, s.p.).

4. "Delírio de Damasco" (2012), livro da escritora Veronica Stigger, "é a reunião dessas frases ouvidas aqui e ali, numa espécie de arqueologia da linguagem do presente, em busca da poesia inesperada" (Stigger, 2012, s.p.). A construção do livro se baseia em uma narrativa sem contorno, não apresentando corpos e/ou tempos literários. O conteúdo se caracteriza por uma dualidade entre ficção e realidade. Essas simples frases ouvidas pelo caminhar na cidade se desprendem de seu verdadeiro agente, criando para si meros e pequenos versos. A construção dessa narrativa sem contornos é retrabalhada, nessa pesquisa, em processos como "haikai"¹⁵ e "um dia no ônibus 2002-10"¹⁶ em que são recolhidas o maior número de informações, falas e gestos dos transeuntes da cidade. Tendo em mente que, "a escrita *sampler* não hierarquiza, pois ela não cita", "a escrita *sampler* incorpora e reinventa", ambas mencionadas em "Manifesto Sampler" (2005, s.p.)

Nesta lógica, Barthes (2016, p.90), no texto "O arrombamento do sentido", comenta a necessidade e o fascínio dos

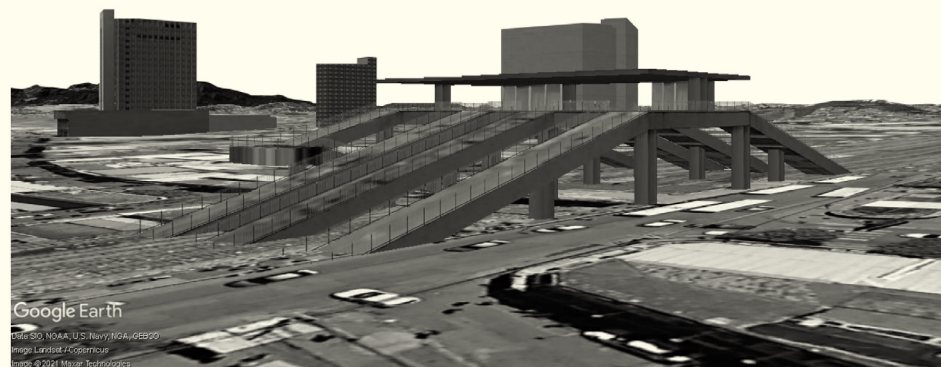
escritores ocidentais em "passear pela vida com um caderninho de anotação na mão", registrando as brevidades das impressões e percepções cotidianas. Este gesto, como enunciado literário, ganha um duplo sentido ao se tratar de falas e frases, mesmo que descontextualizadas, ditas em um certo recorte temporal e espacial onde a ação é realizada. Nessas falas recolhidas existe um enquadramento de vivências, de espaços percorridos pela cidade, daquilo que é escolhido para ser registrado e das questões que são mencionadas ao longo desses dizeres anônimos. Há, sem dúvida, o tensionamento do cotidiano, em uma "[...] arqueologia da linguagem do presente" (Stigger, 2012), percebido, por exemplo, com a forte presença de falas referentes à pandemia, ao aumento do custo de vida, ao crescimento da população em situação de vulnerabilidade social, à crise, à guerra na Ucrânia, entre outros.

5. Letícia Lampert, artista visual, em "City Random";¹⁷ realizado em sua conta na rede social *Instagram*, cria e recria uma cidade fictícia, infinita e sem bordas, a partir de ensaios visuais, se apropriando de imagens próprias, a fim de realizar colagens digitais. Sua produção é relevante, pois a criação de paisagens é a chave central dessa pesquisa, já que a cidade e as relações urbanas cotidianas deixam de ser simples pano de fundo da vida moderna e passam a incidir como agentes operantes na percepção de mundo. Esse é o caso de "paisagem urbana";¹⁸ uma busca por apreensão de paisagem. Metodologicamente, esse experimento se consolida ao se apropriar de fotografias analógicas tiradas de dentro do percurso do ônibus 2002-10, e colocadas lado a lado em comparação com imagens e quadros de paisagens pitorescas da construção da cidade de São Paulo, durante o século XVIII e XIX. Este experimento tem como fio condutor a imagem "Panorama da Cidade de São Paulo" (1822), do artista francês Arnaud Julien Pallière, que posteriormente foi utilizada como pano de fundo para o retrato póstumo do Imperador Dom Pedro I (1902), pelo pintor Benedito Calixto. Busca-se aqui tensionar a construção de paisagem pictórica e da paisagem contemporânea. As representações, as



Google Earth

Mapa Satellite / Copernicus
 Imagem Satélite / Copernicus
 Data: 2021/10/01 10:11:11 (UTC+02:00)



Google Earth

Mapa Satellite / Copernicus
 Imagem Satélite / Copernicus
 Data: 2021/10/01 10:11:11 (UTC+02:00)

FIG. 5:

Urbanização artificial. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Um morador de rua que lê.
 Um morador de rua que dorme.
 Um morador de rua que espera.
 Um morador de rua que come.
 Um morador de rua que pede esmola.
 Um morador de rua que lava carro.
 Um morador de rua que vasculha lixo.
 Um morador de rua que morre.
 Um morador de rua que vomita.
 Um morador de rua que mijá.
 Um morador de rua que lava a calçada.
 Um morador de rua que estende o braço.
 Um morador de rua que está bêbado.
 Um morador de rua que grita.
 Um morador de rua que conversa.
 Um morador de rua que sente frio.
 Um morador de rua que não tem sapato.
 Um morador de rua que ajusta a mochila nas costas.
 Um morador de rua que fala ao celular.
 Um morador de rua que vende bala.
 Um morador de rua que compra arroz.
 Um morador de rua que estende barraca.
 Um morador de rua que pixa.
 Um morador de rua que dirige uma carroça.
 Um morador de rua que cuida de cachorros.
 Um morador de rua que pula catraca.
 Um morador de rua que quer voltar para casa.
 Um morador de rua que chora.
 Um morador de rua que sente calor.
 Um morador de rua que está com sede.
 Um morador de rua que anda de bicicleta.
 Um morador de rua que aguarda na fila.
 Um morador de rua que é gay.
 Um morador de rua que ignora.
 Um morador de rua que descansa.
 Um morador de rua que canta.
 Um morador de rua que vive.
 Um morador de rua que dança.
 Um morador de rua que beija.
 Um morador de rua que joga bola.
 Um morador de rua que fuma.
 Um morador de rua que está em uma associação.
 Um morador de rua bebe para esquecer.
 Um morador de rua que pede ajuda.
 Um morador de rua que está viciado.
 Um morador de rua que bebe água.
 Um morador de rua que caminha.
 Um morador de rua que corre.
 Um morador de rua que torce para o Corinthians.
 Um morador de rua que ajeita a cama.
 Um morador de rua que toma vacina.
 Um morador de rua que resmungá.

FIG. 6:

Um morador de rua que.... Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

construções de paisagens, também são artifícios de idealização e produção de espaço.

Essa busca por apreensão de paisagem é intensificada por meio do auxílio da ferramenta do *Google Earth*. Dessa forma, o ensaio visual “urbanização artificial”¹⁹ procura tensionar as relações que há entre a representação de cidade pelas plataformas de geoprocessamento, aptas a escolherem aquilo que se compreende digno de ser registrado, e as próprias intervenções feitas pelos usuários da interface. Já que, no mundo contemporâneo, estar na internet é certificar uma certa existência. Ou seja, os edifícios, as construções e as paisagens coletadas e fotografadas possuem forte intervenção do usuário.

6. Marília Garcia, em “Parque de Ruína” (2018), ensaia modos de leitura em formato de notas, tensionando a relação entre memória, ensaio e poesia e misturando, em grande parte, esses dois gêneros literários. Como comenta Eduardo Gonçalves (2020, p. 15), o texto de Garcia “existe enquanto fala e gesto, antes mesmo de impresso”. Seus escritos buscam encontrar a relação do “eu-derivante”, em um jogo de memória e de espaços, por meio da “criação de um instante, de um ato”. Em “estações do metrô”²⁰ há uma tentativa de registro, memória e descrição daquilo que é observado nas estações das linhas metroviárias da cidade de São Paulo. Essa performance busca colocar em jogo as ideias de genialidade e de criatividade, compreendendo a necessidade da restrição para a realização da escrita.

Marília Garcia também faz o uso da restrição ao indicar a regra de seu poema: “aqui só tenha uma regra: todos os dias às 10h / tiro uma foto da ponte” (Garcia, 2018, p.43). No meu caso em específico, a restrição está na realização do próprio ato performático, ou seja, na ação da deriva subterrânea: “para essa nova viagem estipulo / suas restrições; / primeira: / entrar e sair / em todas as estações em que o trem parar / realizar a troca de vagão / esperando a chegada do / próximo trem. / segunda: / no momento de espera / narrar o cotidiano, / aquilo/ que não tem verbo / [como Péricles / aquilo que acontece quando / nada / acontece.] / terceira: / nas estações em que houver / intersecção de linhas / a baldeação deverá ser / realizada. / quarta:

/ a permissão para a volta é concedida / após estar dez estações de distância / da estação inicial” (Crespin, 2022).

Da mesma forma que a escrita de Garcia já existe antes mesmo de ser impressa, ou seja, existe como fala e gesto, em “estações do metrô”, a escrita já existe como performance, como coleta das ações cotidianas, a fim de trabalhá-las e recortá-las, materializando-as como formas poéticas. Neste gesto, a criação dos poemas não parte do conceito de genialidade e do processo criativo, algo do qual as oficinas de escrita criativa contemporânea têm se aproveitado, mas de entender que, por meio da restrição e da cansativa descrição das estações subterrâneas, tais registros poderiam, então, futuramente, gerar um processo de escrita literária. Além de tudo, há a entrada da própria voz do poeta, como enunciador do texto, em uma espécie de diários, de breves anotações que são fissurados pelo olhar e pela fala.

7. “Uma mulher que” (2010), da escritora mineira Flávia Péret, é “uma biografia em apenas uma linha” (Cohen, 2017). Seus trechos expressam a vida cotidiana, corriqueira, em tons melancólicos e humorísticos, cada qual em sua medida. Em uma representação do banal, e da arte da concisão, Péret possui a destreza de iniciar todos os pequenos trechos de seu poema com “uma mulher que”, seguidas das mais diversas adjetivações. Essa prática, além de mapear presenças de corpos femininos na cidade e suas ações, expressa uma tentativa de coleção de suas performances urbanas, se apropriando de suas vivências e de seus gestos, a fim de criar um glossário, uma espécie de resposta à representação da mulher na escrita cânone.

É com essa metodologia em vista que nasce o experimento “moradores de rua”.²¹ A proposta parte da coleta de diversas ações feitas por pessoas em situação de vulnerabilidade e marginalização, iniciando todos os seus trechos com “um morador de rua que” e fazendo com que seja complementado com suas performances na cidade. A chave dessa composição literária se dá ao procurar entender que a escrita, a construção gramatical de uma frase, também cria ações e mundos. Ou seja, escrever “um morador de rua que”,

possibilitando continuidades, busca reverter a lógica moderna de que essas pessoas marginalizadas não possuem vivências, biografias e histórias. Nessa ação, o corpo do próprio morador de rua, e suas performances, se torna sujeito da sentença realizada, em uma ideia de que, nas orações, há: sujeito, verbo e complemento. O corpo do morador, o sujeito, vira personagem ativo na construção da cidade. Procura-se transformar problemas sociais em poéticas, porém não com o intuito de descartá-los, mas de lembrá-los como sujeitos; retirar essas pessoas de espaços de degradação.

[...] se a gente começa a escrever anotar e nomear o que acontece será que consegue fazer as coisas existirem de outro modo? (Garcia, 2018, p.23)

Todos os diversos artistas e/ou escritores apresentados convergem, de formas graduais, na medida em que usufruem das técnicas e das metodologias apropriativas em suas obras; com maior ou menor intensidade, a partir da apropriação de imagens ou textos, por meio de suas adições, subtrações e deslocamentos. Ao final, a cidade, bem como a paisagem e a literatura, é percebida no momento que é vivida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tudo já foi escrito, tudo já foi dito, tudo já foi feito”, eis o que Deus ouviu. E ele ainda não criara o mundo, nem nada existia ainda. “Também isso já me disseram”, replicou, lá do velho e fendido. Nada. E começou. (Fernández, 1967/1982, p. 191)

Quais os limites entre a criação do mundo e o mundo criado? Se pensarmos que tudo já foi feito, então o que fazer com as coisas que já existem e que chegam até nós? E, finalmente, que feitiço tem o meu próprio feito? Essa retomada histórica, processual e metodológica busca evidenciar que os processos de copiar e colar, ou melhor, dessa constante apropriação e tradução, repercutiram em um fértil debate nas produções artísticas e literárias do último século, bem como nos dias atuais.

Procura-se investigar como essas mesmas metodologias (re)apropriativas se consolidam contemporaneamente e propõe aplicações e releituras desses mesmos métodos como ferramentas de ler a cidade.

Não tenho nada a dizer sobre a montagem literária. Somente mostrar. Não vou mostrar nada de precioso nem me apropria de fórmulas espirituosas. Mas sim, dos arranjos, dos restos não quero fazer o inventário disso, mas permitir-lhe obter justiça da única maneira possível: *utilizando-os*. (Benjamin, 2018, p.764)

A escritora Christy Wampole (2013) nos lembra que o “ensaísta está interessado em pensar sobre si mesmo pensando sobre as coisas”. Ao fim e ao cabo, essa pesquisa é um ensaio, uma forma de experimentar o que, até agora, já foi tentado; de se apropriar de um mundo com as coisas já feitas; da vida comum, do cotidiano, da banalidade. Como diria Georges Perec (1975), “o que geralmente não é levado em consideração, o que não é percebido, aquilo que não tem importância: o que acontece quando nada acontece, além do clima, das pessoas, dos carros e das nuvens”, ou melhor, tudo acontece quando nada acontece. Antes da criação dos alfabetos as coisas apenas ocorriam. Dessa forma, para histórias acontecerem é necessário que sejam compreendidas por alguma consciência, ou seja, por meio da escrita como forma de registro.

Passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, identificam os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstruir mundos a partir de seus vestígios, é um programa literário, antes de ser científico. (Rancière, 2005, p.49)

“Nem toda literatura é do gênero ‘ficção’, mas há ficcionalidade em toda literatura”, como nos lembra Jacques Derrida. Em resumo, essa pesquisa parte de uma inquietação incansável de ler a cidade, não de novas, mas de diferentes formas. A pesquisa “A escrita da cidade: metodologias, apropriações

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Margareth P. **Marcel Duchamp**: impressões em conserva. 1996. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BAROSSİ, Joana. **A cidade (d)escrita à exaustão**: do inventário urbano chamado comédia humana ao esgotamento de um lugar parisiense. São Paulo: Espaço Narrados, 2019, p. 1120-1148.

BARTHES, Roland. A morte do Autor. *In*: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **O império dos signos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

BEIGUELMAN, Giselle. Copiar é preciso, inventar não é preciso. **Revista Celeste**, 27 set. 2011. Disponível em: https://celeste.art.br/copiar-e-preciso-inventar-nao-e-preciso/. Acesso em: 8 ago. 2020.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – volume I**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – volume I**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CALIXTO, Benedito. Retrato de Dom Pedro I. 1902. Óleo sobre tela, 14,1 cm x 100 cm.

COELHO, Frederico; GASPAR, Mauro. Manifesto da Literatura Sampler. **Revista da APG PUC-Rio**, n.1, 2006, p.115-123.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura** [Entrevista com Jacques Derrida]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

FOER, Jonathan S. **Tree of Codes**. Londres: Visual Editions Books, 2010.

FREITAS, Angélica. Três poemas com o auxílio do Google. *In*: FREITAS, Angélica. **Meu útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GANDOLFI, Leonardo; GARCIA, Marília. **Trânsito**: versão compacta e dublada de Traffic. São Paulo: LunaParque, 2016.

GARCIA, Marília. **Parque de ruínas**. São Paulo: LunaParque, 2018.

GARCIA, Marília. **Teste de resistores**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2021.

GOLDSMITH, Kenneth. **Assume No Readership**. [Entrevista concedida ao Louisiana Channel]. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FAJRQJGc7DU&t=850s. Acesso em: 24 jun. 2021.

GOLDSMITH, Kenneth. **Seven American Death and Disasters**. Nova Iorque: PowerHouse Book, 2013.

GOLDSMITH, Kenneth. **Traffic**. Nova Iorque: Make Now, 2007.

GOLDSMITH, Kenneth. **Uncreative Writing**: Managing Language in the Digital Age. Nova Iorque: Columbia University Press, 2001.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

IWASSO, Vitor R. Copy/ paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea. **ARS**, v.8, n.15, 2010, p.36-53.

MALLARMÉ. **Un coup de des jamais n’abolira le hasard**. 1897. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k71351c/f3.item.textelimage.zoom. Acesso em: 11 ago. 2020.

MANGUEL, Alberto. A musa da impossibilidade. **Revista Serrote**, n. 6, p. 33-47.

MARQUES, Ana Martins. **Como se fosse uma casa: uma correspondência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MARQUES, Ana Martins. **Risque essa palavra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MELLO, Ramon. **Poemas tirados de notícias de jornal**. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

OPERAÇÃO de Risco. 25 dez. 2021. 1 vídeo (43 min. 19 s.) Publicado pelo canal Redetv! Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EjKm9aLjc-Q&t=307s. Acesso em: 8 jan. 2022.

OPERAÇÃO de Risco. 21 maio 2022. 1 vídeo (43 min. 6 s.) Publicado pelo canal Redetv! Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rBTQLYDQRVM. Acesso em: 5 jun. 2022.

PALLIÈRE, Arnaud J. Panorama da Cidade de São Paulo. 1821. Óleo sobre tela, 36,50 cm x 96,80 cm.

PEREC, Georges. **A arte e a maneira de abordar o seu chefe para pedir um aumento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PEREC, Georges. **An attempt at exhausting a place in Paris**. Cambridge: Wakefield Press, 1975.

PERET, Flávia. **Instruções para montar mapas, cidades e quebra-cabeças**. Belo Horizonte: Independente, 2021.

PERET, Flávia. **Uma mulher**. Belo Horizonte: Independente, 2019.

PERLOFF, Marjorie. **O gênio não original**: poesia por outros meios no novo século. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SILVA, Gabriel C. da Costa e. **Entre passagens**: registros de presença e tempos de uma experiência. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Escola da Cidade, São Paulo, 2019.

SMITH, Roberta. **Douglas Huebler**. The New York Times. Disponível em: https://www.nytimes.com/1997/07/17/arts/douglas-huebler-72-conceptual-artist.html. Acesso em: 8 ago. 2022

STIGGER, Veronica. **Delírio de Damasco**. 2.ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2012.

TORRES, M. H. C. **Resenha**: Tradução de Lance de Dados de Stéphane Mallarmé, tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

VILA-MATAS, Enrique. **O artista deve ser não original, diz Vila-Matas**. [Entrevista concedida a Joca Reiners Terron]. Folha de S.Paulo, 25 ago. 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/o-artista-deve-ser-nao-original-diz-enrique-vila-matas.shtml. Acesso em: 24 jun. 2021.

VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever**: a literatura de apropriação. 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017.

VILLA-FORTE, Leonardo. O autor como apropriador. **Revista Serrote**, Instituto Moreira Salles, n. 23, ago. 2016. Disponível em: https://www.revistaserrote.com.br/2016/08/o-autor-como-apropriador-por-leonardo-villa-forte/. Acesso em: 24 jun. 2021.

VILLA-FORTE, Leonardo. Voz e expressão na escrita recreiativa. **Revista Scriptorium**, PUC-RS, v.3, n.1, p.58-67, 2017.

WAMPOLE, Christy. A ensaificação de tudo. **Revista Serrote**, jun. 2013. Disponível em: https://www.revistaserrote.com.br/2013/06/a-ensaificacao-de-tudo-por-christy-wampole/. Acesso em: 25 nov. 2021.

SOBRE A AUTORA

Tamara Crespin é arquiteta e urbanista formada pela Escola da Cidade, em 2023.

tcrespin1999@gmail.com

ENSAIO

Mecanização do não visível: ensaio sobre as infraestruturas de telecomunicação

Alexandre Bassani

Orientação: Prof. Ms. Pedro Vada (Escola da Cidade)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão, Escola da Cidade, 2022-2023.

Este ensaio aborda questões que surgiram em um Trabalho de Conclusão de Curso, em que foram exploradas formas de se representar cartograficamente os sistemas de telecomunicações existentes no território brasileiro. Traz a necessidade de uma leitura mais aprofundada sobre as relações entre o território e os sistemas de comunicação em massa. A partir do contato com um arcabouço teórico voltado para as problemáticas das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), selecionamos como objeto de estudo as antenas denominadas Estações Rádio Base (ERB) – responsáveis pelos sistemas de telefonia e internet móvel –, por meio de

Mechanization of the not visible: essay on telecommunications infrastructure

The following addresses questions that arose in a Final Paper, which explored ways of cartographically representing the telecommunications systems that exist within the Brazilian territory. It underscores the need for a more in-depth interpretation of the relation between territory and mass communication systems. Based on a theoretical framework focused on the issues of Information and Communication Technologies (TIC), we selected as our object of study the antennas known as Radio Base Stations (RBS) – responsible for telephone and mobile internet systems. This was achieved through an extensive data collection process, which led to the creation of a comprehensive and unprecedented database aimed at georeferencing telecommunications infrastructures. In an attempt of challenging the limits and possibilities of representing these elements cartographically, we adopted an unorthodox approach to the use of georeferenced information, establishing a process that was primarily experimental and non-linear, grounded in trial and error. Consequently, this research is less concerned with inferring definitive answers and more focused on fostering new inquiries and questions.

um extenso processo de coleta de dados, que se desdobrou na criação de uma vasta e inédita base de dados voltada para o georreferenciamento de infraestruturas de telecomunicação. Tensionando os limites e possibilidades de representar essas questões cartograficamente, partimos de uma abordagem não ortodoxa do uso de informações georreferenciadas, estabelecendo um processo que foi, principalmente, experimental e não linear, baseado na tentativa e erro. Como resultado, temos uma pesquisa mais preocupada em fomentar novas indagações e questionamentos do que em inferir respostas definitivas.

Mecanización de lo no visible: ensayo sobre las infraestructuras de telecomunicación

Este ensayo aborda las cuestiones planteadas en un Trabajo de Fin de Grado que exploró formas de representar cartográficamente los sistemas de telecomunicaciones en el territorio brasileño. Con ello, se plantea la necesidad de un análisis más profundo de la relación entre el territorio y los sistemas de comunicación masiva. A partir de un marco teórico centrado en la problemática de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC), se seleccionaron como objeto de estudio las antenas denominadas Estaciones Radio Base (ERB) – responsables de los sistemas de telefonia e internet móvil. La investigación incluyó un extenso proceso de recolección de datos, que dio lugar a la creación de una base de datos amplia e inédita destinada al georreferenciamiento de infraestructuras de telecomunicación. Al tensionar los límites y posibilidades de representar estas cuestiones cartográficamente, se adoptó un enfoque no ortodoxo en el uso de información georreferenciada, estableciendo un proceso principalmente experimental y no lineal, basado en el ensayo y error. Como resultado, este trabajo se orienta más a fomentar nuevas indagaciones y preguntas que a inferir respuestas definitivas o concluyentes.